



FUNDAÇÃO DE AMPARO À
PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CELSON LAFER
PRESIDENTE

JOSÉ ARANA VARELA
VICE-PRESIDENTE

CONSELHO SUPERIOR

CELSON LAFER, EDUARDO MOACYR KRIEGER,
HORÁCIO LAFER PIVA, JACOBUS CORNELIS
VOORWALD, JOSÉ ARANA VARELA, JOSÉ DE SOUZA
MARTINS, JOSÉ TADEU JORGE, LUIZ GONZAGA
BELLUZZO, SEDI HIRANO, SUELY VILELA SAMPAIO,
VAHAN AGOPYAN, YOSHIKI NAKANO

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

RICARDO RENZO BRENTANI
DIRETOR PRESIDENTE

CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ
DIRETOR CIENTÍFICO

JOAQUIM J. DE CAMARGO ENGLER
DIRETOR ADMINISTRATIVO

Pesquisa
ISSN 1519-8774

CONSELHO EDITORIAL

LUIZ HENRIQUE LOPES DOS SANTOS
(COORDENADOR CIENTÍFICO),
CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ,
FRANCISCO ANTONIO BEZERRA COUTINHO,
JOAQUIM J. DE CAMARGO ENGLER,
MÁRIO JOSÉ ABDALLA SAAD, PAULA MONTEIRO,
RICARDO RENZO BRENTANI, WAGNER DO AMARAL,
WALTER COLLI

DIRETORA DE REDAÇÃO
MARILUCE MOURA

EDITOR CHEFE
NELSON MARCOLIN

EDITORA SÊNIOR
MÁRIA DA GRAÇA MASCARENHAS

EDITORES EXECUTIVOS
CARLOS HAAG (HUMANIDADES), CLAUDIA IZIQUE (POLÍTICA),
MARCOS DE OLIVEIRA (TECNOLOGIA),
RICARDO ZORZETTO (CIÊNCIA)

EDITORES ESPECIAIS
CARLOS FIORAVANTI, FABRÍCIO MARQUES,
MARCOS PIVETTA (EDIÇÃO ON-LINE)

EDITORAS ASSISTENTES
DINORAH ERENO, MARIA GUIMARÃES

REVISÃO
MÁRCIO GUIMARÃES DE ARAÚJO, MARGÓ NEGRO

EDITORA DE ARTE
MAYUMI OKUYAMA

ARTE
ARTUR VOLTOLINI, JÚLIA CHEREM, MARIA CECILIA FELLI

FOTÓGRAFOS
EDUARDO CESAR, MIGUEL BOYAYAN

SECRETARIA DA REDAÇÃO
ANDRESSA MATIAS TEL: (11) 3838-4201

COLABORADORES
ABIURO, ANA LIMA, ANDRÉ SERRADAS (BANCO DE DADOS),
DANIELLE MACIEL, FERNANDO DE ALMEIDA,
GEISON MUNHOZ, GONÇALO JÚNIOR, LAURABEATRIZ,
LEOZITO COELHO E YURI VASCONCELOS.

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REFLETEM
NECESSARIAMENTE A OPINIÃO DA FAPESP

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DE TEXTOS E FOTOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO

GERÊNCIA DE OPERAÇÕES
PAULA ILIADIS TEL: (11) 3838-4008
e-mail: publicidade@fapesp.br

GERÊNCIA DE CIRCULAÇÃO
RUTE ROLLO ARAUJO TEL: (11) 3038-4304
FAX: (11) 3038-1418
e-mail: rute@fapesp.br

IMPRESSÃO
PLURAL EDITORA E GRÁFICA
TIRAGEM: 35.800 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO
DINAP

GESTÃO ADMINISTRATIVA
INSTITUTO UNIEMP

FAPESP
RUA PIO XI, Nº 1.500, CEP 05468-901
ALTO DA LAPA - SÃO PAULO - SP

SECRETARIA DO ENSINO SUPERIOR
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO



A doença crua e literal

MARILUCE MOURA - DIRETORA DE REDAÇÃO

Há coisa de 2 décadas ou pouco mais, sentiamos-nos perfeitamente confortáveis em imaginar a tuberculose como um mal que acompanhara a história humana, tornara-se por vias concretas e metafóricas a grande doença do século XIX, estendera sua gravidade até a primeira metade do século XX e, então, entrara na categoria dos flagelos vencidos – por obra e graça de uma criação da cultura, isso que inventa o ser humano que conhecemos e somos. A criação a que me refiro, nesse caso, é conhecimento científico traduzido em antibióticos que se disseminaram no pós-guerra e, desde então, articulados com outros produtos e fatores, alteraram profundamente as condições de saúde e as possibilidades de duração da vida humana. Ou conhecimento traduzido numa vacina como a BCG, de aplicação obrigatória para proteger os frágeis recém-nascidos de nossa espécie dos humores aterrorizantes do bacilo identificado pelo doutor Robert Koch em 1882.

Claro que de vez em quando, dos anos 1960 aos 1990, tínhamos notícia de algum conhecido que contraía tuberculose, doença ainda assinalada por um poderoso estigma social, mas estávamos prontos a confiar no poder da penicilina e assemelhados e a nos refugiar na certeza de que os casos que chegavam a nosso conhecimento faziam parte da exceção, jamais da regra. Assim, nesses muitos anos, podíamos partir para um encontro com a tuberculose de caráter muito mais estético e filosófico, vertiginoso, proposto por Thomas Mann, por exemplo, em seu extraordinário *A montanha mágica*, onde a doença examinada em Davos é também metáfora de um mal insidioso que confronta o homem com o mistério de si, com suas misérias e grandezas, seus limites e sua capacidade de transcender, corra esse mal as vísceras de um corpo frágil e finito ou sacuda as entranhas de uma sociedade em transformação. Podíamos também tomar a via poética da coragem proposta por Manuel Bandeira em sua luta encarniçada e direta contra a doença que ameaça matá-lo ou a senda dos dramas tecidos por Dinah Silveira de Queiroz em Campos do Jordão no seu sensível *Floradas na serra*. Fosse qual fosse a escolha, a tuberculose tinha uma inequívoca dimensão literária para minha geração e outras próximas.

A Aids mudou isso. E hoje, longe de literária, a tuberculose se apresenta literal em sua crueza de doença. O bacilo que a produz instala-se

anualmente nos pulmões de 9 milhões de pessoas em todo o mundo, do que resulta a morte de uma delas a cada 15 segundos. No Brasil, são 100 mil casos, com a morte de 5 mil pessoas por ano. É verdade que há 45 anos não se cria um medicamento novo para a doença e que cepas mais e mais resistentes da bactéria que a causa surgem ameaçadoras no horizonte. Mas – eis o dado fundamental – a tuberculose é curável, por que então ela está se transformando de novo num flagelo, inclusive no Brasil? É disso que trata a excelente reportagem do editor especial Carlos Fioravanti, a partir da página 18. É uma contribuição importante para os debates em torno da doença, que tem em 24 de março uma data especial para se refletir a seu respeito.

...

Nas páginas de humanidades, esta edição oferece outra contribuição significativa, bem calçada em pesquisas, para o debate de questões essenciais à definição da sociedade que queremos ser e que estamos construindo neste país. Trata-se de uma bela reportagem do editor especial Fabrício Marques (*página 94*) sobre os resultados até aqui dos programas de ação afirmativa para ingresso de estudantes egressos de escolas públicas ou ligados a grupos étnicos socialmente desfavorecidos no ensino superior brasileiro. Há dados surpreendentes e vale a pena conferir.

...

Há muito mais a descobrir nesta edição, inclusive em relação à beleza das páginas desenhadas por nossa editora de arte, Mayumi Okuyama (veja, por exemplo, as páginas 69 a 73). Mas encerro com uma recomendação de atenção para o primeiro dos encartes especiais relativos às palestras e debates que *Pesquisa FAPESP* está organizando dentro da exposição *Revolução genômica*, que até 13 de julho está no Parque do Ibirapuera em São Paulo e depois percorrerá outras cidades do país. A exposição, trazida do Museu de História Natural de Nova York pelo Instituto Sangari, recebeu aqui acréscimos bem brasileiros e está encantando o público. Esperamos que as conferências e discussões paralelas, da lavra de brilhantes pesquisadores brasileiros e estrangeiros, possam ser uma contribuição consistente da FAPESP e desta revista para ampliar o contato da sociedade com os temas científicos.